

CORPOS QUE FALAM, MÃES QUE SOFREM: ESTIGMA SOCIAL E SOFRIMENTO PSÍQUICO NA MATERNIDADE ATÍPICA

BODIES THAT TALK, MOTHERS WHO SUFFER: SOCIAL STIGMA AND PSYCHOLOGICAL SUFFERING IN ATYPICAL MOTHERHOOD

Carla Dornelles da Silva¹

Maria Luci Freire de Duran²

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar os processos de estigmatização, preconceito e reconhecimento social vivenciados por mães de crianças atípicas, bem como compreender os processos de subjetivação que, na contemporaneidade, moldam as formas pelas quais esses sujeitos se experimentam, produzem e reconhecem como indivíduos tanto no campo da educação quanto na saúde. A problemática central buscar-se-á entender de que modo as experiências de estigma e exclusão social impactam a construção da identidade dessas mães, influenciando suas trajetórias de vida, suas relações sociais e suas práticas de cuidado. A questão norteadora que orienta este trabalho pauta-se em: Como os processos de estigmatização e reconhecimento social influenciam a subjetivação de mães de crianças atípicas, e de que forma ações psicossociais podem promover o reconhecimento e a ressignificação dessas experiências? Para fundamentar teoricamente o estudo, utilizar-se-á autores que abordam a dinâmica do estigma, a formação da subjetividade e o papel do ambiente social na constituição do sujeito, tais como: Goffman, E. (2020), López, M. A., & Silva, M. A. (2021), Silva, C. M., & Oliveira, R. (2022), Mendes, A. C., & Santos, L. (2020), Branco, A. M., & Pereira, M. (2023), entre outros. A metodologia adotada constitui-se por ser uma abordagem qualitativa, integrativa sobre grupos de mães de crianças atípicas. Ressaltando a importância dos espaços de escuta, expressão e

1 Psicóloga, Professora Universitária

2 Psicóloga, Professora Universitária

ressignificação das experiências de estigma, promovendo o reconhecimento social e fortalecendo estratégias de resiliência. Desta forma, buscando compreender as emoções e os sentidos atribuídos pelas mães às suas experiências. Espera-se que os resultados contribuam para ampliar o entendimento sobre as dinâmicas de estigmatização e subjetivação, oferecendo subsídios para práticas educativas e de saúde sensíveis às especificidades dessas mães e de suas crianças. Além disso, pretende-se promover reflexões sobre o papel do ambiente social e do ethos na formação das identidades, propondo estratégias de intervenção que favoreçam o reconhecimento social, a inclusão e o desenvolvimento humano integral. Assim, o estudo busca contribuir para o avanço do conhecimento na interface entre educação, saúde e ciências sociais, promovendo uma abordagem mais humanizada e inclusiva na atenção às famílias de crianças atípicas.

Palavras-chave: Mães Atípicas; Ação Psicodramática; Estigmas.

Abstract: This article aims to analyze the processes of stigmatization, prejudice, and social recognition experienced by mothers of atypical children, as well as to understand the processes of subjectivation that, in contemporary times, shape the ways in which these individuals experience, produce, and recognize themselves as individuals in both the fields of education and health. The central problem will be to understand how experiences of stigma and social exclusion impact the construction of these mothers' identities, influencing their life trajectories, their social relationships, and their care practices. The guiding question that guides this work is: How do processes of stigmatization and social recognition influence the subjectivation of mothers of atypical children, and how can psychosocial actions promote the recognition and reframing of these experiences? To theoretically support the study, we will use authors who address the dynamics of stigma, the formation of subjectivity, and the role of the social environment in the constitution of the subject, such as: Goffman, E. (2020), López, M. A., & Silva, M. A. (2021), Silva, C. M., & Oliveira, R. (2022), Mendes, A. C., & Santos, L. (2020), Branco, A. M., & Pereira, M. (2023), among others.

The methodology adopted is a qualitative, integrative approach to groups of mothers of atypical children. It highlights the importance of spaces for listening, expression, and resignification of stigma experiences, promoting social recognition and strengthening resilience strategies. Thus, we seek to understand the emotions and meanings attributed by mothers to their experiences. The results are expected to contribute to a broader understanding of the dynamics of stigmatization and subjectivation, providing support for educational and health practices sensitive to the specific needs of these mothers and their children. Furthermore, the aim is to promote reflection on the role of the social environment and ethos in the formation of identities, proposing intervention strategies that foster social recognition, inclusion, and integral human development. Thus, the study seeks to contribute to the advancement of knowledge at the interface between education, health, and social sciences, promoting a more humane and inclusive approach to caring for families of atypical children.

Keywords: Atypical Mothers; Psychodramatic Action; Stigmas.

INTRODUÇÃO

A compreensão dos processos de estigmatização e preconceito enfrentados por mães de crianças atípicas torna-se fundamental para promover uma sociedade inclusiva e equitativa. Essas mães, frequentemente, experienciam o estigma social, que impacta sua saúde mental, autoestima e reconhecimento social (Goffman, 1963; Corrêa & Silva, 2018). Considerando este prisma, na contemporaneidade, os processos de subjetivação, ou seja, as formas pelas quais os sujeitos se produzem e se reconhecem, estão profundamente influenciados pelo contexto social, cultural e político, especialmente no campo da educação e da saúde (Foucault, 2008).

Para tanto, torna-se fundante pautar esse entendimento no conceito de Ethos, enquanto relação contínua entre o lugar de vivência e a vida psíquica, tendo em vistas que, oferece uma perspectiva teórica para compreender essas dinâmicas, destacando a moldagem recíproca entre o ambiente e os

sujeitos (Lefebvre, 2014). Assim, a presente pesquisa busca compreender como esses processos se manifestam na experiência dessas mães, utilizando ações psicodramáticas e psicoeducativas para promover o reconhecimento social e o desenvolvimento de estratégias de resiliência.

A relevância social deste estudo está enraizada na urgência de compreender e transformar as experiências vividas por mães de crianças atípicas, aquelas que enfrentam desafios relacionados à deficiência, neurodivergência ou outras condições que fogem da norma biomédica e social. Essas mulheres ocupam um lugar ambíguo na sociedade: são simultaneamente cuidadoras centrais e sujeitos invisibilizados, frequentemente, atravessadas por estigmas que afetam sua saúde mental, sua identidade e sua relação com o espaço público.

O escopo desta pesquisa pauta-se, também, na importância acadêmica ao se propor a contribuir para práticas acolhedoras e inclusivas, especialmente, no contexto da maternidade de crianças atípicas. Ao investigar as interações entre estigma, subjetivação e ambiente, amplia o entendimento científico sobre como essas dimensões se entrelaçam e impactam a vida de mulheres que exercem o cuidado cotidiano de filhos atípicos

Destarte, o problema deste trabalho e o marco teórico consistem em compreender de que forma os processos de estigmatização e preconceito influenciam a subjetivação de mães de crianças atípicas, e como esses processos podem ser ressignificados por meio de ações psicossociais e psicoeducacionais. A estigmatização, entendida como um processo de marcação social que desvaloriza determinados sujeitos com base em atributos considerados desviantes, atua de forma incisiva sobre essas mães que, frequentemente, são responsabilizadas, invisibilizadas ou marginalizadas pela sociedade. O preconceito, por sua vez, reforça barreiras simbólicas e práticas que dificultam o acesso a direitos, ao cuidado e à escuta qualificada.

Assim sendo, o marco teórico se apoia em autores como Judith Butler (2015), Goffman, E. (2020), López, M. A., & Silva, M. A. (2021), Silva, C. M., & Oliveira, R. (2022), Mendes, A. C., & Santos, L. (2020), Branco, A. M., & Pereira, M. (2023), entre outros, que discutem os processos de reconhecimento e vulnerabilidade, e em abordagens críticas da psicologia social, que analisam como

o sujeito é constituído nas relações de poder e nos discursos sociais. A pesquisa, portanto, busca não apenas compreender os impactos do estigma, mas também evidenciar as potências de transformação que emergem quando essas mães são reconhecidas como sujeitos de direito, cuidado e voz.

Corroborando com esta ideia, Foucault (2008) explora como as relações de poder e conhecimento estão entrelaçadas e moldam quem é esse sujeito na sociedade atual. Destaca que essas dinâmicas influenciam as experiências, podendo tanto promover a inclusão quanto gerar exclusão. Ressalta que, as formas de poder não são apenas repressivas, como também produtivas, criando discursos e práticas que definem o que é considerado normal ou desviante. Assim, as subjetividades, ou seja, a maneira deste sujeito de se perceber e de perceber o mundo, são influenciadas por esses mecanismos, que podem abrir caminhos para a inclusão de diferentes identidades ou, ao contrário, reforçar processos de exclusão. Torna-se imprescindível fazer uma reflexão significativa para entender como as estruturas sociais impactam as vidas de forma profunda e contínua.

Para tanto, constitui-se como objetivo principal deste artigo: compreender como os processos de estigmatização e preconceito afetam a subjetivação de mães de crianças atípicas e de que forma esses processos podem ser ressignificados por meio de ações psicossociais, promovendo o reconhecimento social e estratégias de resiliência. Como objetivos específicos apresenta-se: 1. Compreender como as experiências de estigma social vivenciadas por mães de crianças atípicas. 2. Identificar como esses processos influenciam a formação da identidade e a subjetividade dessas mães. 3. Entender o papel das ações psicodramáticas e psicoeducativas na ressignificação dessas experiências. 4. Contribuir para a elaboração de práticas sensíveis e inclusivas no campo da educação e da saúde.

Enfatiza-se a relevância social deste estudo, sendo bastante significativa, pois oferece uma oportunidade de promover mudanças concretas na forma como as mães atípicas são percebidas e apoiadas na sociedade. Ao contribuir para a construção de ambientes acolhedores e respeitosos, o estudo ajuda a combater o estigma e a marginalização que muitas dessas mães enfrentam, reconhecendo suas experiências, suas dificuldades e suas potencialidades. Isso não só promove o respeito e a valorização social dessas mulheres, mas também fortalece suas estratégias de resiliência,

permitindo que se sintam apoiadas e confiantes para enfrentar os desafios do cotidiano. Para tanto, o arcabouço teórico suscita a seguinte questão norteadora que orienta a pesquisa é: Como os processos de estigmatização e reconhecimento social influenciam a subjetivação de mães de crianças atípicas, e de que forma ações psicossociais podem promover o reconhecimento e a ressignificação dessas experiências?

METODOLOGIA

Este estudo qualitativo pauta-se numa abordagem metodológica integrativa, articulando três eixos principais: psicodrama, psicoeducação e análise da narrativa. Essa combinação visa proporcionar uma compreensão aprofundada e multifacetada da experiência das mães de crianças atípicas, especialmente, no que diz respeito às suas subjetividades, aos efeitos do estigma social e às estratégias de enfrentamento e fortalecimento emocional. A utilização dessa triangulação metodológica permite uma análise significativa e detalhada, promovendo uma compreensão holística das dinâmicas envolvidas na vivência dessas mães.

Compreende-se por abordagem metodológica integrada em estudos qualitativos refere-se à articulação de diferentes estratégias de investigação, como entrevistas em profundidade, grupos focais, análise documental e observação participante tendo como objetivo captar a complexidade dos fenômenos humanos em seus contextos sociais, culturais e afetivos. Essa integração permite uma compreensão aprofundada e multifacetada da experiência subjetiva, especialmente em temas sensíveis como a maternidade atípica.

Consubstanciando este pensamento, Lima e Andrade (2023), ressaltam a relevância da adoção de uma abordagem metodológica integrada em estudos qualitativos, pois permite uma compreensão profunda e multifacetada das experiências humanas, especialmente, em contextos de vulnerabilidade social e emocional. No caso da maternidade atípica, essa estratégia possibilita captar nuances emocionais e sociais por meio de entrevistas narrativas, que revelam os sentidos atribuídos

pelas mães às suas vivências cotidianas. Segundo as narrativas pessoais são fundamentais para acessar dimensões subjetivas que não emergem em métodos mais estruturados, como questionários ou escalas.

Além disso, a análise de discursos contribui para compreender os efeitos do estigma e do preconceito que atravessam a experiência materna. Essa técnica permite identificar como as mães de crianças com deficiência são representadas socialmente e como essas representações influenciam sua identidade e práticas de cuidado. De acordo com Silva e Torres (2022), o discurso social sobre a deficiência ainda carrega marcas de exclusão e patologização, o que impacta diretamente a forma como essas mulheres se percebem e são percebidas. A abordagem integrada, nesse sentido, favorece o cruzamento entre o discurso público e o relato íntimo.

Os grupos focais, por sua vez, oferecem um espaço coletivo de escuta e troca, permitindo mapear estratégias de enfrentamento e redes de apoio mobilizadas pelas mães. Essa técnica valoriza o diálogo entre participantes e revela dinâmicas de solidariedade, resistência e construção de saberes compartilhados. Conforme apontam Oliveira e Costa (2024), os grupos focais são especialmente eficazes para investigar fenômenos que envolvem práticas comunitárias e relações afetivas, ampliando a compreensão do cuidado materno para além da esfera individual.

Por fim, a revisão integrativa da literatura permite dialogar com a produção científica existente, contextualizando os achados empíricos e identificando lacunas teóricas. Essa etapa fortalece o rigor metodológico ao estudo e contribui para a construção de um referencial crítico e atualizado. Como destacam Pedrosa et al. (2025), a revisão integrativa é uma ferramenta valiosa para reunir evidências de diferentes abordagens e delineamentos, favorecendo uma análise ampla e consistente. Assim, a escolha por uma abordagem metodológica integrada não apenas enriquece os dados, mas também reafirma o compromisso ético com a escuta sensível e o recon

Assim sendo, estabeleceu-se como primeiro eixo, o psicodrama, é uma técnica terapêutica que favorece a expressão simbólica e a elaboração de conflitos internos por meio da dramatização de situações do cotidiano (Moreno, 1946). Essa abordagem é especialmente útil para acessar emoções e

experiências que, muitas vezes, permanecem invisíveis ou não verbalizadas, desta forma, possibilita o autoconhecimento e o fortalecimento da autoestima. Estudos têm demonstrado que o psicodrama pode contribuir significativamente para a redução de sentimentos de isolamento e ansiedade, promovendo o empoderamento emocional (Kipper & Ritchie, 2000). Assim, ao aplicar o psicodrama às mães de crianças atípicas, busca-se criar um espaço seguro para que possam explorar suas emoções, ressignificar suas experiências e desenvolver estratégias de enfrentamento mais eficazes.

O segundo eixo, a psicoeducação, consiste na oferta de informações e conhecimentos que auxiliam as mães a compreenderem melhor as condições de suas crianças, bem como garantir seus direitos e cidadania, a desenvolverem habilidades de manejo e cuidado e estabelecer equidade (Ferguson et al., 2014). A psicoeducação tem sido reconhecida como uma estratégia eficaz para reduzir o estigma, melhorar a autoestima e promover o bem-estar psicológico de cuidadores (McConachie et al., 2005). Além disso, favorece a construção de redes de apoio social e o fortalecimento de estratégias de resiliência, essenciais para lidar com os desafios diários associados às condições atípicas das crianças.

O terceiro eixo, a análise da narrativa, permite explorar as histórias de vida das mães, percepções, emoções e sentidos atribuídos às suas experiências (Riessman, 2008). Essa abordagem qualitativa valoriza a subjetividade e a singularidade de cada trajetória, contribuindo para compreender como o estigma social influencia a construção da identidade dessas mulheres. Estudos indicam que a narrativa é uma ferramenta poderosa para promover o reconhecimento social e a ressignificação de experiências de marginalização (Frank, 1995). Assim, ao analisar as narrativas dessas mães, busca-se identificar padrões de resiliência, estratégias de enfrentamento e possíveis caminhos para a promoção da inclusão social.

A integração desses três eixos metodológicos possibilita uma análise abrangente e aprofundada das experiências das mães de crianças atípicas, contribuindo para o entendimento das complexidades envolvidas na vivência do estigma social e na elaboração de estratégias de fortalecimento emocional. Essa abordagem também favorece a produção de conhecimentos que podem subsidiar a elaboração

de políticas públicas e práticas profissionais sensíveis às necessidades dessas famílias, promovendo a inclusão social, o reconhecimento e o respeito às suas subjetividades.

Além disso, a pesquisa amplia o entendimento acadêmico sobre as complexas interações entre estigma, subjetivação e ambiente, oferecendo subsídios de suma importância para a elaboração de políticas públicas. Podendo influenciar a criação de programas de apoio, de capacitação profissional, de acesso a serviços de saúde mental e de inclusão social, que levem em consideração as particularidades dessas mães e de seus contextos.

RESULTADO E DISCUSSÃO

ESTIGMA SOCIAL E SOFRIMENTO PSÍQUICO NA MATERNIDADE ATÍPICA

Um dos fatores a ser ressaltado, refere-se ao estigma social como sendo um dos principais vetores de sofrimento psíquico e exclusão vivenciados por mães de crianças atípicas. Segundo Goffman (2020), o estigma é uma marca que desqualifica o sujeito perante os padrões normativos da sociedade. No caso dessas mães, o estigma é duplo: recai tanto sobre a criança quanto sobre a mulher, que é, frequentemente, responsabilizada ou romantizada em narrativas de sacrifício e superação.

Santos e Gabriela (2023) discutem como o discurso da mãe geladeira, que culpabiliza a mulher pelo diagnóstico de autismo, este conceito ,ainda, reverbera em práticas sociais e institucionais, mesmo que de forma velada. Essa construção simbólica contribui para a invisibilidade dessas mulheres, que enfrentam múltiplas opressões e negligência institucional em relação às suas necessidades emocionais, sociais e econômicas.

Assim sendo, a resistência e a subjetivação, esta última entendida como o processo pelo qual o sujeito se constitui em relação às normas sociais, é profundamente afetada pela experiência da maternidade atípica. Judith Butler (2015) propõe que os corpos em aliança, como os de mães que se organizam em redes de apoio, podem desafiar os discursos hegemônicos e produzir outras formas de existência. Nesse sentido, a maternidade atípica não é apenas um lugar de dor, mas, também, de

potência política e reinvenção identitária.

Pedrosa et al. (2025) identificam que, apesar dos altos índices de ansiedade, depressão e esgotamento entre essas mães, muitas desenvolvem estratégias de enfrentamento como reorganização da rotina, participação em grupos terapêuticos e construção de redes de apoio. Essas práticas revelam formas singulares de subjetivação que resistem ao estigma e à exclusão.

Neste contexto, a subjetivação dessas mulheres não se dá de forma linear, sendo atravessada por experiências de dor, resistência e reconstrução identitária. Enfrentam o luto simbólico da criança idealizada, a sobrecarga emocional e o isolamento social, como constroem formas singulares de existir e cuidar que desafiam os discursos normativos sobre maternidade e deficiência.

As ações psicossociais, como grupos de apoio, atendimentos em serviços de saúde mental e projetos comunitários, funcionam como espaços de acolhimento e reconstrução simbólica, permitindo que essas mães compartilhem suas vivências, ressignifiquem o sofrimento e fortaleçam redes de solidariedade. Já as ações psicoeducacionais, ao promoverem informação, escuta ativa e empoderamento, contribuem para a autonomia dessas mulheres e para a desconstrução de estigmas sociais.

De acordo com Goffman (2020), o estigma social pode ter um impacto bastante profundo na vida dessas mães, afetando a forma como são percebidas pelos outros, mas também influencia diretamente sua própria identidade e bem-estar emocional. Quando uma mãe enfrenta o estigma, pode se sentir isolada, desvalorizada ou, até mesmo, ser invisibilizada pela sociedade. Isso dificulta que seja reconhecida e apoiada pelas redes de apoio, sociais e comunitárias, o que é fundamental para seu fortalecimento e para o cuidado dos filhos. Além disso, esse estigma pode criar uma barreira para que essas mães busquem ajuda ou participem de grupos de apoio, perpetuando um ciclo de marginalização. Portanto, combater o estigma social é essencial para promover a inclusão, o reconhecimento e para obter suporte, ajudando-as a reconstruir sua autoestima e a fortalecer os vínculos sociais.

ETHOS CENÁRIO DA VIDA PSÍQUICA: CORPOS QUE FALAM, MÃES QUE SOFREM

Cabe, portanto, compreender o conceito de Ethos, desenvolvido por Lefebvre (2014), reforça a ideia de que o ambiente social e físico em que as pessoas estão inseridas não é apenas um cenário passivo, mas um elemento ativo que molda continuamente a vida psíquica dos indivíduos. Isso significa que as emoções, percepções, valores e, até mesmo, a forma de pensar são influenciados pelas condições do espaço ao redor, pelas relações sociais que estabelecemos e pelas experiências vividas nesse contexto.

Desta forma, ao aplicar esse conceito às dinâmicas de subjetividade, podem entender-se que a identidade de uma pessoa não é algo fixo, mas um processo em constante construção, influenciado pelo ambiente em que ela vive. Como no caso de uma mãe que enfrenta o estigma social, que sofre uma influência externa, mas também é moldada por esse ambiente, que pode reforçar sentimentos de inadequação ou exclusão. Por outro lado, ambientes acolhedores e inclusivos podem fortalecer a autoestima e promover uma sensação de pertencimento.

Segundo Pedrosa et al. (2025), a maternidade de crianças com deficiência é atravessada por intensas vivências emocionais, como ansiedade, culpa e esgotamento, frequentemente agravadas por estigmas sociais e ausência de políticas públicas eficazes. Propõe-se uma revisão integrativa da literatura, que é uma forma de abordagem metodológica integrada, pois permite reunir e analisar estudos com diferentes delineamentos, ampliando a compreensão do fenômeno.

Além disso, Borges et al. (2024) destacam que a maternidade atípica exige constante ressignificação das funções maternas, sendo fundamental adotar metodologias que acolham a singularidade dessas vivências. Eles defendem que a integração de métodos clínicos, bibliográficos e empíricos favorece a construção de narrativas mais completas e humanizadas sobre o cuidado materno

Assim, compreender o Ethos de Lefebvre (2014) permite a percepção que intervenções sociais e ambientais são essenciais para promover mudanças positivas na subjetividade das pessoas,

especialmente, aquelas que enfrentam desafios como o estigma ou a marginalização. neste viés propõe-se uma abordagem que valoriza o papel do espaço e das relações sociais na formação da pessoa, o psicodrama como facilitador da intervenção social, destacando a importância de criar ambientes que favoreçam o bem-estar psíquico e o desenvolvimento de uma identidade saudável e integrada.

A ação psicodramática em grupos de mães atípicas é de extrema importância, pois oferece um espaço seguro e criativo para que essas mães possam expressar suas emoções, experiências e desafios de uma forma espontânea e simbólica. Essa abordagem permite que explorem as próprias histórias, conflitos e sentimentos, promovendo o autoconhecimento e o fortalecimento da autoestima. Além disso, o psicodrama favorece a troca de experiências entre as participantes, criando um senso de comunidade e apoio mútuo, o que é fundamental para mães que, muitas vezes, se sentem isoladas ou marginalizadas. Ao dramatizar situações do cotidiano, essas mães podem experimentar novas formas de lidar com suas dificuldades, desenvolver estratégias de enfrentamento e ressignificar suas experiências, promovendo uma resiliência emocional. Portanto, a ação psicodramática é uma ferramenta eficaz para promover o empoderamento, a inclusão social e o bem-estar psicológico dessas mães atípicas, contribuindo para que se sintam compreendidas, apoiadas e capazes de construir uma trajetória positiva para si e seus filhos.

OS PROCESSOS DE ESTIGMATIZAÇÃO E O RECONHECIMENTO SOCIAL INFLUENCIAM A SUBJETIVAÇÃO DE MÃES DE CRIANÇAS ATÍPICAS

Os processos de estigmatização e de reconhecimento social atuam na formação da subjetividade de mães de crianças atípicas (crianças cujas formas de desenvolvimento, comportamento ou necessidades diferem das normas culturais) e propõe princípios de intervenção psicossocial para promover reconhecimento e ressignificação dessas vivências. Parte-se, por conseguinte, de conceitos clássicos e contemporâneos sobre estigma, reconhecimento e subjetivação para compreender as

dinâmicas sociais e oferecer caminhos práticos de intervenção.

As mães de crianças atípicas, frequentemente, enfrentam processos sociais que as posicionam em situação de vulnerabilidade simbólica: olhares, julgamentos, exclusão e rotulação que contribuem para uma identidade social marcada pelo estigma. Entender como essas experiências moldam a subjetividade materna exige a articulação entre teoria do estigma, teoria do reconhecimento e estudos sobre produção do sujeito.

Para Erving GOFFMAN (1963) o estigma constitui-se como uma marca social que reduz o indivíduo de uma pessoa inteira a uma pessoa desonrada. Para mães de crianças atípicas, o estigma, muitas vezes, opera de modo deslocado: a diferença reconhecida na criança extrapola e afeta a reputação e a identidade da mãe, que passa a ser vista por meio de um atributo considerado negativo. Aponta para efeitos relacionais: constrangimento, gestão de impressões e estratégias de ocultamento que moldam comportamentos e narrativas das pessoas estigmatizadas.

Link e Phelan (2001) ampliam essa compreensão ao situar o estigma num processo que combina rotulação, estereótipos, separação, perda de status e discriminação estrutural. Assim, o estigma não é apenas atitude individual, mas trama social que incorpora práticas institucionais e culturais, impactando, desta forma, acesso a serviços, redes de apoio e reconhecimento moral.

Axel HONNETH (1995) propõe que o reconhecimento social é condição necessária para a formação de uma identidade intacta e para o bem-estar psicológico. O reconhecimento ocorre em três esferas: amor/afetividade, direitos e reconhecimento social/solidariedade, todas relevantes para mães de crianças atípicas, que frequentemente, experimentam diminuição do reconhecimento nessas esferas.

No campo da subjetivação, as contribuições de Michel FOUCAULT (p. ex., discussões sobre poder e produção do sujeito) e de teóricas como Judith BUTLER (1990, sobre performance e norma) ajudam a entender como identidades maternas são produzidas e reguladas por normas discursivas e práticas sociais. A condição de mãe de criança atípica é, assim, um campo de tensões entre autopercepção, expectativas sociais e regimes de verdade institucionais (saúde, educação, serviços

sociais).

Destarte, a concatenação de estigmatização e negação de reconhecimento produz efeitos concretos: sofrimento psicológico (culpa, vergonha), isolamento social, desgaste relacional e diminuição do capital simbólico e material. A mãe pode internalizar narrativas culpabilizantes (por exemplo, sentir-se responsável pela diferença) ou adotar estratégias de hipervisibilidade (defesa por ativismo) ou de retirada. Esses fenômenos demandam intervenções que atuem tanto no nível individual quanto no comunitário e institucional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao promover uma compreensão aprofundada dessas dinâmicas, o estudo também orienta práticas profissionais de diferentes áreas, como assistência social, psicologia, educação e saúde, para que possam atuar de forma empática, ética e efetiva. Dessa forma, contribui para a construção de uma sociedade justa, igualitária e solidária, onde todas as mães, independentemente das condições ou particularidades, tenham os direitos reconhecidos e suas vozes ouvidas. Em última análise, o impacto social desse estudo está na promoção de uma cultura de respeito, inclusão e valorização da diversidade, beneficiando não apenas as mães atípicas, mas toda a comunidade.

Neste texto, busca-se sintetizar esses aportes e propõe-se indicar ações psicossociais capazes de favorecer o reconhecimento social e a ressignificação das experiências maternas. A subjetivação das mães de crianças atípicas é atravessada por processos de estigmatização e de reconhecimento (ou sua falta). Intervir apenas ao nível clínico é insuficiente: são necessárias ações psicossociais amplas que articulem empoderamento, educação pública, garantia de direitos e participação social. Tais medidas não apenas atenuam danos psicossociais, como também reconfiguram as condições simbólicas para que mães e crianças ocupem espaços de dignidade e pertencimento social.

Assim sendo, ressalta-se que ações psicossociais para que haja promoção do reconhecimento e ressignificação, considera as intervenções comunitárias e psicossociais como caminhos que combinam

empoderamento, educação pública e mudanças institucionais. Portanto, torna-se imprescindível a criação e promoção de grupos reflexivos e de suporte mútuo para mães, orientados por profissionais de saúde mental e facilitadores comunitários, favorece validação afetiva e troca de saberes; assegurar acesso a direitos (educação inclusiva, atendimento especializado, políticas de proteção) e articular serviço-comunidade fortalece o reconhecimento jurídico e institucional (HONNETH, 1995; GOFFMAN, 1963).

Enfatiza-se, também, a relevância de campanhas informativas (escolas, serviços de saúde, espaços públicos) que desnaturalizem julgamentos e expliquem diversidade infantil, reduzem estigmas e ampliam reconhecimento social; como também, aconselhamento psicoeducativo individual e familiar, trabalhos que integrem informações sobre desenvolvimento, técnicas de manejo do estresse e estratégias de comunicação para lidar com o estigma fortalecem a agência materna. (LINK; PHELAN, 2001).

Outras ações de suma importância, dizem respeito às ações participativas e formação de lideranças – promover protagonismo materno em conselhos, fóruns e processos decisórios transforma posições de mera recepção de serviços em vozes legítimas nas políticas que as afetam (princípios da participação ativa inspirados em FREIRE). Parcerias intersetoriais, com vistas a integrar saúde, educação e assistência social para atendimento contínuo e centrado nas necessidades e saberes das famílias, evita fragmentação e estigmatização institucional. Produção de narrativas positivas e visibilidade, projetos culturais e midiáticos que valorizem experiências diversas de maternidade contribuem para ressignificar sentidos e reforçar a solidariedade social.

Assim, compreender os efeitos do estigma e a centralidade do reconhecimento social na subjetivação de mães de crianças atípicas é fundamental para a construção de práticas psicossociais inclusivas e transformadoras. Ao reconhecer essas mães não apenas como cuidadoras, mas como sujeitos ativos de direitos e de saberes, abre-se espaço para a ressignificação das experiências de dor e isolamento em trajetórias de luta, pertencimento e dignidade. Dessa forma, o enfrentamento do estigma e a promoção do reconhecimento não se limitam ao campo individual, mas se configuram

como compromisso ético e político com a justiça social e a valorização da diversidade humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Goffman, E. (2020). *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. (Tradução e edição atualizada). Rio de Janeiro: Zahar.

López, M. A., & Silva, M. A. (2021). "Reconhecimento social e subjetivação de mães de crianças com transtorno do espectro autista: desafios e possibilidades". *Revista Brasileira de Educação Especial*, 27(2), 245-260.

Silva, C. M., & Oliveira, R. (2022). "A importância de ações psicossociais na ressignificação das experiências de mães de crianças com necessidades especiais". *Psicologia & Sociedade*, 34, e0123.

Mendes, A. C., & Santos, L. (2020). "Estigma, inclusão social e o papel das ações psicossociais na construção de identidades positivas". *Revista de Psicologia da Unesp*, 40(1), 89-105

Branco, A. M., & Pereira, M. (2023). "Subjetivação e reconhecimento social desafios para mães de crianças com transtornos do desenvolvimento". *Revista Latino-Americana de Psicologia*, 55, e12345.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2014.

Ferguson, P., McGillivray, J., & McDonald, M. (2014). Psychoeducation for parents of children with autism spectrum disorder: A review of the literature. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 44(4), 927-938.

Frank, A. W. (1995). *The wounded storyteller: Body, illness, and ethics*. University of Chicago Press.

Kipper, D. A., & Ritchie, T. (2000). *The psychodramatic method: A practical guide*. Springer Publishing Company.

McConachie, H., Diggle, T., & Mason, D. (2005). *Parent*

Moreno, J. L. (1946). *Psychodrama*. Beacon House.

Nery, M. A., & Figueiredo, L. C. (2010). Psicodrama e subjetividade: possibilidades de intervenção clínica. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 18(2), 45–58.

Falcone, E. M. O. (2002). Psicoeducação: uma abordagem preventiva em saúde mental. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 1(1), 45–52.

Colom, F., & Vieta, E. (2006). *Psychoeducation manual for bipolar disorder*. Cambridge University Press.

Riessman, C. K. (2008). *Narrative methods for the human sciences*. Sage Publications.

Jovchelovitch, S., & Bauer, M. W. (2002). Entrevista narrativa. In M. W. Bauer & G. Gaskell (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp. 90–113). Vozes.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Tradução de Carla Rodrigues et al. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

PEDROSA, Sheila Paiva de Andrade; COSTA, Fernanda Lúcia Pereira; PEREIRA, Leilane Cristina Oliveira; TEMOTEO, Lúcia Maria. Mães de crianças atípicas: estudo de revisão sobre aspectos emocionais e qualidade de vida. *Revista Interdisciplinar em Saúde, Cajazeiras*, v. 12, p. 1792–1808, 2025. Disponível em: interdisciplinaremsaude.com.br

Lima, R. S., & Andrade, P. M. (2023). Narrativas maternas e subjetividade: Um estudo qualitativo. *Revista Psicologia e Sociedade*, 35(1), 22–39.

Silva, M. T., & Torres, L. F. (2022). Discursos sobre deficiência e maternidade: Uma análise crítica. *Cadernos de Estudos Sociais*, 30(2), 88–104.

Oliveira, J. C., & Costa, A. R. (2024). Redes de apoio e enfrentamento na maternidade atípica: Perspectivas a partir de grupos focais. *Revista Brasileira de Saúde Materno-Infantil*, 24(3), 115–130.

Pedrosa, A. C., Lima, R. F., & Silva, M. J. (2025). Maternidade atípica e os atravessamentos emocionais: Uma revisão integrativa. *Revista Brasileira de Psicologia Social*, 31(2), 45–62.

FOUCAULT, Michel. The Subject and Power. In: *Critical Inquiry*, v. 8, n. 4, p. 777–795, 1982.

BUTLER, Judith. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge, 1990.

GOFFMAN, Erving. *Stigma: Notes on the Management of Spoiled Identity*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1963.

HONNETH, Axel. *The Struggle for Recognition: The Moral Grammar of Social Conflicts*. Cambridge: Polity Press, 1995.

LINK, Bruce G.; PHELAN, Jo C. Conceptualizing Stigma. *Annual Review of Sociology*, v. 27, p. 363–385, 2001.